PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES
UNI-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 138 JULHO DE 1979 ANO XV

Leia neste número:

ANISTIA SEM RESTRIÇÕES

Surgido há alguns anos, por iniciativa de um Comitê Feminimo o Movimento pró-anistia alcançou repercussão nacional e ampliou-se rapidamente com adesão de organizações democráticas, personalidades, partidos políticos, parlamentares, centros estudantis e setores populares. Os generais tentaram desde o seu início refreá-lo, recorrendo inclusive, a intervenção policial. Mas o movimento avançou sempre e constitue hoje poderosa corrente de opinião pública que não pode ser detida.

Foi sob o impacto desse movimento e para não se isolar mais ainda que os militares se viram obrigados a enviar um projeto de anistia ao Congresso. Contudo o projeto oficial é restritivo, parcial, discriminatório. Reflete a resistência do Planalto a quaisquer medidas de maior alcance democrático. Apesar disso o governo se esforça em tirar proveito político da anistia tentando aparecer como interessado em pacificar a família brasileira e liberalizar o regime. Mas estas tentativas estão fadadas ao fracasso porque a anistia que o povo exige se distingue nitidamente das proposições governamentais mesquinhas e limitadas e além do mais anuláveis, na prática, pela

Lei de Segurança.

O povo brasileiro não se conforma com a anistia parcial que exclui considerável número de vítimas das perseguições ditatoriais, nem aceita o indulto como meio de libertação de presos políticos, tampouco admite que o retorno dos demitidos de seus empregos fique condicionado a requerimento e dependente da vontade dos serviços policiais de informações criados em todas as repartições, em dependências oficiais ou de chefes reacionários. A nação exige que se ponha fim as punições arbitrárias que levaram aos cárceres eao exílio milhares de brasileiros e que afastaram de suas ocupações ou dos cargos que exerciam os que não comungavam com os objetivos do golpe de 1º de abril de 1964. Para satisfazer esta exigência nacional só há um meio: a concessão de uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Anistia, porém, não é apenas medida reparadora de injustiças cometidas. É um poderoso movimento político com características próprias que se integra na luta geral do povo contra o regime militar, pela conquista da plena liberdade política. Cada êxito que obtem seja na mobilização de massas, seja na denúncia das torturas e assassinatos de patriotas e revolucionários, seja na libertação de presos é um êxito do movimento democrático e um golpe sobre a ditadura e suas maquinações, supostamente liberalizantes.

Anistia e liberdade se completam. Só há anistia verdadeira quando existe liberdade efetiva. E não pode haver liberdade sem concessão de anistia ampla, geral e irrestrita. Precisamente por isso a luta pela anistia está intimamente ligada a supressão de todos os atos e leis arbitrários; a imediata revogação da Lei de Segurança, instrumento de perseguição dos democratas consequentes; a cessação do julgamento de civis pela Justiça Militar; a derrogação da Constituição fascista de 67/69, enfim a substituição do odiado regime dominante há mais de 15 anos.

No momento a batalha política pela anistia trava-se na esfera parlamentar, mas o que pode decidir o sucesso dessa batalha é, sem dúvida, o amplo movimento de massas e de opinião pública democrática que se impõe em toda parte. É hora de realizar um intenso e largo trabalho de desmascaramento das manobras do governo e em prol da anistia ampla, geral e irrestrita. Em todo país as forças populares e os setores progressistas precisam concentrar seus esforços nesta direção. Empenhar-se a fundo para obter agora uma vitória maior. Existem condições favoráveis para isto dependendo fundamentalmente da ação comum de todos os democratas. Ação que contribuirá para isolar os reacionários, conciliadores e para impulsionar mais ainda o movimento democrático e antiditatorial, rumo a novas conquistas.

+++++++++++++

OUÇA DIARIAMENTE

RÁDIO TIRANA

Das 7:00 às 7:30 horas - Ondas de 25 e 31 metros

Das 20:00 às 21:00 horas - Ondas de 31 e 42 metros

Das 22:00 às 23:00 horas - Ondas de 31 e 42 metros

A CONQUISTA NA PRÁTICA DA LIBERDADE POLÍTICA

Por mais que Figueiredo e seus pares tentem escamotear a crise político-institucional do regime militar está na ordem do dia. Não se trata de um fenomeno de superfície, possível de ser solucionado por esta ordem imperante na Nação. A crise é a expressão da exacerbação do antagonismo existente entre a ditadura e o povo brasileiro. (...) Tal crise não pode ser resolvida nos limites do regime vigente. As reformas políticas do regime constituem a resposta da reação a esta crise. Suas tentativas de superar, sem tocar na questão fundamental: a falta de liberdade, a manutenção do arbítrio. Portanto, não resolvem e nem poderiam resolver o que se propõem. De qualquer forma os generais estão sendo constrangidos, a simplesmente, a ceder neste ou naquele aspecto, a titubiar diante da oposição popular e democrática, de um povo que não se verga. A luta de classes demonstra que na época em que vivemos não há momento mais perigoso para o governo do que aquele que começa a fazer concessões, em que começa a ceder... Este é o momento por que passa a ditadura militar.

Poderia ser de outra forma?

A rigor não se pode descartar a hipótese de o regime desfechar uma repressão feroz, como uma tentativa de conter o descontentamento da oposição. Isto porém, lhes custaria mais derrotas e poderia até mesmo precipitar o seu fim próximo. Sem dúvida o momento periga para os generais. Nossa tarefa junto ao povo e a todos os que verdadeiramente aspiram a democracia e o progresso é não permitir que eles institucionalizem o regime reacionário. Nessas condições a conquista da liberdade política na luta contra a ditadura militar tem muita atualidade. Sua importância, longe de diminuir, aumenta com as reformas de Figueiredo e catervas, pois como se esperava, elas estão revelando toda a sua falsidade. Ademais, os bestuntos do Planalto apregoam aqui e ali que não abrirão mão da iniciativa reformadora, ou seja, nada além dos manejos ditatoriais. Ninguém, exceto os incorrigíveis conciliadores, poderiam dar crédito às promessas democratizantes de Brasília e a partir delas fazer planos para um futuro próximo, não deixando com isto de semear a confusão. A história haverá de confirmar isso.

Na atual etapa da luta do nosso povo é necessário uma vasta campanha de esclarecimentos sobre o significado das ações pela liberdade política. Aliás, já hoje, é enorme a movimentação neste terreno, reafirmando a oportunidade, a urgência de concentrar todas as forças em torno deste objetivo tático imediato. Isto sem perder de vista que seu desfecho passa pela derrocada da ditadura. Contudo, quanto mais nos aproximamos da consecução dos nossos objetivos políticos imediatos, mais necessitamos de compreendê-los com toda clareza. Nesta fase tanto a incompreensão sobre o que é e o que objetiva a luta pela liberdade política, como a falta de combate às manipulações tentadas pelos oportunistas e a reação mais aberta, acarretam grandes prejuízos.

Em nosso país não há efetiva liberdade política. Os rumos do desenvolvimento economico deformado e contrários aos interesses nacionais são determinados única e exclusivamente por frações da grande burguesia em estreita consonância com o capital monopolista internacional. Tal situação da parte economica só foi possível graças a uma base da superestrutura montada onde estas mesmas frações e este mesmo capital monopolizaram absolutamente o poder político através de sua ditadura, escudada nas Forças Armadas.

A classe operária enfrenta mil e um obstáculos que torna impossível sua livre organização nos sindicatos. O direito de greve lhe é negado, assim como o direito de dispor livremente de seu partido. Em situação idêntica se encontram os camponeses e outros setores da população. Não é povo quem escolhe os governantes. As poucas conquistas alcançadas pelos

trabalhadores, pelos estudantes, pela intelectualidade progressista estão permanentemente ameaçadas pelo arbítrio do regime. Não há a menor perspectiva de inversão real dessa situação, enquanto estiver de pé o sistema dos generais. Até porque eles continuam falando em um Brasil potente sem alterar seu favoritismo ao capital estrangeiro, o que significa manter o regime militar na sua essencia, à base do despotismo.

Naturalmente que a conquista da liberdade política na sequência da liquidação da ditadura militar não significa solucionar de uma hora para outra os grandes problemas vividos pelo país. Não significa livrar, repentinamente, os operários e o povo da miséria e da exploração, mas assegurar-lhes uma importante arma para combatê-la. A liberdade política é necessária a todo desenvolvimento social, inclusive das forças produtivas, hoje emperradas e condicionadas pelos interesses das classes que monopolizaram o poder.

O proletariado e as demais massas trabalhadoras precisam da liberdade política para se organizarem e desenvolverem a luta de classes aberta, ampla e verdadeira contra a burguesia. Necessitam da liberdade política para fazer a revolução democrática, para promoverem a reforma agrária radical, liquidarem o imperialismo e acumular condições que lhes permitam continuar lutando até desembocar no socialismo.

Uma batalha dessa envergadura exige em seu decorrer, implacável e persistente desmascaramento dos reformistas diante das massas. Eles são partidários de uma gradual conquista das aspirações democráticas do povo nas condições de um regime militar em agonia e isolado. Para tanto, estes reformistas chegam a seccionar o ponto único, interligado, indivisível formado pelas três reivindicações centrais da liberdade política: Anistia ampla, geral e irrestrita; a revogação total e imediata de todos os atos e leis arbitrários, inclusive da Constituição outorgada de 1967/1969; e a eleição de uma Assembléia Constituinte soberana. Agir assim, para arrancar reformas do regime é enfraquecer a resistência popular e antiditatorial. E uma quimera admitir a conversão da ditadura arbitrária dos generais em seu contrário. Só um governo democrático provisório implantado após a derrocada desta ditadura estaria em condições de realizar estas exigências.

Sem deixar de lado as ações pelos problemas mais sentidos é indispensável detectar em cada frente os meios de mobilizar as massas urbanas e rurais para a conquista, na prática, da liberdade política. Há que impulsionar as iniciativas surgidas nesta direção, de modo a unir todo o povo, democratas e patriotas e evoluirmos para um poderoso confronto revolucionário de modo a derrubar a ditadura.

A ativa participação do proletariado, sob a direção de seu Partido, é decisiva. Ninguém mais do que ele está interessado em vencer esta jornada e seguir adiante até a liquidação da exploração do homem pelo homem, até o socialismo.

O momento é de audácia na conquista da liberdade política. Nossa tarefa é esclarecer as massas e levá-las a conquistar esta meta na prática. E o que indica o "Manifesto à Nação" do Comitê Central do PC do Brasil: "A conquista da liberdade é o passo indispensável no caminho da solução da crise político-institucional, da saída para resolver algumas das dificuldades imediatas que o país enfrenta. Liberdade efetiva para que haja livre organização dos trabalhadores das cidades e do campo, como dos demais setores da população; para assegurar a legalidade de todos os partidos políticos, entre os quais o partido revolucionário da classe operária; para garantir a livre manifestação do pensamento, inclusive o direito de pregação revolucionária e socialista; para pôr em prática a liberdade de imprensa, de cátedra, de criação artística, etc. Esta a liberdade que o país necessita e não o simples arremedo de liberdade vigiada, limitada, mutilada sob o controle dos militares".

EXEMPLO DE LUTA VITORIOSA CONTRA A TIRANIA

A revolução popular na Nicaraguá triunfou no campo de batalha derrotando a odiosa ditadura da dinastia dos Somoza, depois de violentos combates dos patriotas e das massas do povo em todo o país. Foi mais um indicador da época atual assinaladas por convulsões sociais das mais variadas que estremecem a cidadela da reação e do imperialismo.

O sucedido na Nicarágua repercutirá nas lutas dos povos, em particular da América Latina. E há no mundo a certeza de que é possível enfrentar e abater rancorosos inimigos.

Anastasio Somoza, todo poderoso, relutou até o último instante em deixar o Bunker, tendo comandado de perto verdadeiras operações de arrasamento contra bairros populares e povoados, vitimando mortalmente milhares de pessoas. Jurou cumprir o seu mandato até o fim, mas terminou enxotado pela força das armas do povo insurreto. Sua pertinácia serveria para reafirmar diante do mundo o que a vida mostrara repetidas vezes. O maior desatino do poder discricionário, sua aversão aos interesses do progresso social e da democracia conduzem ,de uma ou de outra forma,a completa derrocada desse poder.

O regime imposto, escudado em sua guarda nacional pretoriana havia acumulado um rosário de crimes. Instituira o terror como forma de governo. Enchera os cárceres de opositores e submetera os trabalhadores nicaraguenses a uma situação de miséria desabalada. Muitos foram os que imigraram fugindo a fome e as perseguições. Outros nem isso conseguiram fazer. O regime chegara mesmo a desiludir vastos setores dos trabalhadores que, empurrados para condição de aberta contestação, enquanto a corrupção facilitava o maior enriquecimento de Somoza e o país transformara-se numa autêntica semi-colonia do imperialismo norte-americano. Tal a obra do somozismo.

Um terreno propício para explosão de protestos, como de fato se verificou, embora há dois anos atrás o ditador, instruído por Washington, tenha procurado serenar a revolta fazendo coisas difíceis: de suspender a lei marcial, então vigente e a censura à imprensa. Àquela altura, porém, os destinos da tirania estavam sendo deliniados nas repetidas greves , nas ocupações de latifundios por camponeses, nas passeatas de dezenas de milhares de pessoas, manifestações de descontentamento que teriam sua expressão maior no desdobramento da luta armada, iniciada desde os começos da década de 60. Por entrelaçar nestas vertentes de protesto, em particular, sua materialização da luta armada, apoiada nas massas urbanas e rurais, concedeu o tiro de misericórdia na ditadura de Anastácio Somoza.

Não menos contundente, foi o golpe sofrido pelo imperialismo norte-americano que há mais de 40 anos levara a oligarquia dos Somoza ao poder. Mantendo-a com milhões de dólares e ajuda militar para esmagar a resistência popular e defender os interesses hegemonistas e expansionistas estadunidenses numa estretégica região. Os mercenários e modernas armas fornecidas pelo Pentagono e vários de seus satélites, as solenes e arrogantes ameaças de intervenção militar dos Estados Unidos serviram apenas para evidenciar quão feroz é o imperialismo norte-americano, sobre o qual não se pode ter a menor ilusão.

Agora que o ditador foi derrotado, política e militarmente e golpeada a principal base de apoio da reação criaram-se condições para pôr em prática as transformações sociais reclamadas pelo povo nicaraguense. O que significa dizer, instaurar um poder político inteiramente diferente do que existia há tempos atrás, com outra correlação de forças, para curar as chagas abertas e engrentar as pressões dos inimigos e construir uma nova economia sintonizada com as aspirações nacionais. Em outras palavras, é necessário levar a revolução adiante, numa fase ainda mais delicada. Mas falta o principal, o determinante, a direção da classe operária e de seu

partido de vanguarda marxista-leninista. Sem ele, o processo revolucionário, depois de umas poucas reformas, tende a estacionar inicialmente para regredir em seguida. Isto é inevitável e comprovado historicamente. Nenhuma classe ou composição de classes, setores sociais, reune condições políticas, ideológicas e organizativas para realizar, consequentemente, os interesses progressistas do proletariado e do povo que não seja a própria classe operária independente da etapa da revolução e do grau de desenvolvimento economico do país.

Os trabalhadores nicaraguenses que lutaram com heroismo ao lado do povo derrotando um adversário militarmente superior, tem diante de si a urgente tarefa de estruturar seu partido político marxista-leninista e assumir a dianteira da revolução vitoriosa. Esta é a única garantia segura de que os êxitos conquistados serão consolidados, sem intervenção dessa ou daquela potência imperialista do ocidente ou do oriente. Inaugurando assim a mais ampla era da liberdade, de progresso e do socialismo.

+++++++++++

VERDADEIRO PROGRAMA DO MARXISMO-LENINISMO (+)

João Amazonas

(...)

A revolução tarefa dos povos

Ao [illegible] saber qual a estratégia do imperialismo, seus objetivos comuns com os espoliadores, compreende-se facilmente quais são os esforços na realização da grande tarefa histórica - fazer a revolução e derrotar seus principais inimigos.

A esta questão Enver Hodja dedica a maior parte do seu livro. Discute, esclarece, fundamenta os problemas complexos da revolução com sólidos argumentos apoiado no marxismo-leninismo trilhando o mesmo caminho de Lênin e Stálin e indo mais além, vivendo a experiência passada com as novas características da atualidade, traçando com segurança a estratégia e a tática do Movimento Comunista Mundial. Esta parte do livro é a mais rica e a mais discutida. A revolução aí aparece como necessidade histórica, produto inevitável do processo contraditório do desenvolvimento da sociedade e, igualmente como problema candente que exige solução prática. Para o autor do livro a situação do mundo é revolucionária. Afirmação que faz partindo de uma análise científica da realidade. Quando dizemos que a situação hoje é revolucionária temos em mente que o mundo está se movimentando rumo a grandes conflagrações. Os fatos diários vem confirmando esta tese, cuja importancia não se pode subestimar na formulação de uma política partidária justa.

Os revisionistas a fim de justificarem seu oportunismo e a sua defesa ao regime atual negam semelhante perspectiva. Vêem força alí onde há fraqueza do capitalismo. Guiam-se pelas aparências, não pelo estado real em que se acha o velho sistema. Sem dúvida a situação revolucionária não tem a mesma intensidade em todos os países. Nuns se manifesta explosivamente, noutros está em fase de gestação, mas em todos eles se desenvolvem os fatores que a determina - aceleram-se continuamente. O mundo de hoje está fortemente interligado.

O sistema capitalista-imperialista irraizado em todos os quadrantes da terra vê-se atingido em seu conjunto, pela crise revolucionária que

estala nas mais remotas regiões. Os fatos ocorridos no Irã e agora na Nicarágua não deixam de confirmar, demonstrando que a revolução está na ordem do dia. É fenomeno de caráter mundial.

Em relação com a situação revolucionária, Enver Hodja assinala quais são os inimigos da revolução. No plano interno, diz ele, o principal é a grande burguesia, tanto nos países capitalistas desenvolvidos como nos países oprimidos e dependentes. No plano externo é o imperialismo mundial, sobretudo as duas superpotências. Esta constatação no que tange aos países subdesenvolvidos é oportuna e esclarecedora. Tem em conta que a burguesia destes países foi sempre aliada ao latifúndio, quando não se torna ela própria também latifundiária e o capital financeiro internacional constituindo um núcleo decisivo das classes dominantes locais que reprimem a luta dos povos por sua verdadeira emancipação. Se é certo que uma parte da burguesia, em determinadas circunstâncias e graus distintos, participa da luta democrática e antiimperialista, esta parte é apenas uma fração da classe burguesa e persegue objetivos próprios, opondo-se a direção do proletariado e tentando impedir o triunfo completo da revolução. Isto porém, não significa que a revolução nos países dependentes , deixou de ter duas etapas bem definidas. Precisamente por esta razão, Enver assinala que a revolução não pode ter em toda parte o mesmo caráter, o mesmo processo e o mesmo desfecho. Paralelamente ele levanta uma questão de grande atualidade, a do entrelaçamento das tarefas antiimperialistas, democráticas e socialistas da revolução. Tema ainda pouco compreendido em vários lugares. Este entrelaçamento, objetivamente esboçado há já algum tempo, tornou-se patente na época em que vivemos. Relaciona-se com o fato de que os interesses da grande burguesia nos países atrasados, vincularam-se estreitamente com o capital financeiro internacional e com o sistema do latifúndio dentro de um processo de aprofundamento da crise geral do capitalismo. Ainda assim, convem ressaltar, que não se trata de mudança no caráter da revolução nos países subdesenvolvidos ou de mesclar as duas etapas: democrático-nacional e socialista, mas de considerar que as duas etapas se aproximam uma da outra mais que anteriormente. Ao golpear radicalmente a dominação imperialista e o latifúndio a revolução em sua primeira etapa, sob a direção da classe operária, fere igualmente o aliado principal dessas forças, a grande burguesia que se encontra à frente do Estado, bem como os poderosos grupos econômicos exploradores das grandes massas trabalhadoras. Derrubando do Poder a burguesia, a revolução abre o caminho para o socialismo.

Enver Hodja baseado nos princípios dá uma série de indicações valiosas à atividade dos comunistas, desde a participação nos sindicatos, o trabalho permanente junto as massas, a propaganda revolucionária, a utilização correta das possibilidades legais até os emaranhados problemas da Frente Única. Trata de desvendar problemas ligados a ação efetiva dos autênticos lutadores, pois esta ação é um dos motores principais do movimento revolucionário, sem a qual o movimento declina, cai na passividade, no sectarismo, na falta de iniciativa. Os verdadeiros Partidos Marxistas-leninistas encontram-se na dianteira e não na traseira da ação revolucionária, afirmou ele, destacando a necessidade da luta, da ousadia, do impulso combativo.Porque, em última instância, a sorte da luta operária e popular depende de uma tática acertada levada a prática com espírito de decisão. O Partido não é apenas um orientador dos acontecimentos, um órgão dedicado a análises teóricas, mas um instrumento de ação de massas , Estado Maior da guerra de classes em curso, Estado Maior que dirige e conduz ao combate os explorados e oprimidos.

Ligada à prática e à perspectiva revolucionária, Enver focaliza a necessidade do estudo e assimilação do marxismo-leninismo. A experiência do Movimento Comunista Mundial tem demonstrado que a falta de domínio do marxismo, o desconhecimento de sua essencia crítica, revolucionária e de seu profundo sentido de classes acarretam sempre vacilações, inconsequen

cias pequeno-burgesas e mesmo burguesas nas fileiras partidárias. São muitos os exemplos negativos. O livro do grande dirigente comunista assinala: "um dos motivos da transformação dos antigos Partidos Comunistas nos países capitalistas em partidos revisionistas foi precisamente terem descuidado por completo o estudo e a assimilação do marxismo-leninismo." Enver dá grande importância, em sua obra, a esta questão, consciente de que, como assinalava Lênin: "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário". É certo de que a assimilação do marxismo-leninismo é fator decisivo para desmascarar as concepções erroneas que tentam se incrustar no movimento operário, disfarçadas de "marxismo criador". O estudo do marxismo contribue para reforçar o elemento subjetivo da revolução que amadurece em toda parte.

Firme combate ao revisionismo

O autor de "O imperialismo e a revolução" aborda largamente o problema do revisionismo contemporaneo em suas diversas modalidades. Não o faz simplesmente para definir posições ou opor-se decididamente e desde o primeiro momento aos renegados do socialismo científico. Seu referencial é a revolução. Ataca o revisionismo como força ativa contra-revolucionária, a serviço do capitalismo decadente, empenhada em denigrir e desvirtuar a ciência social da classe operária, em confundir e afastar as massas da luta emancipadora. Sua crítica contundente dirige-se contra o revisionismo soviético, contra o eurocomunismo, contra o titismo, velha agência do capitalismo financeiro inglês e norte-americano, contra as diversas concepções oportunistas. Boa parte da crítica está voltada para o combate à versão chinesa do revisionismo, crítica perfeitamente compreensível, uma vez que esta tendência mal-sã, só em período recente, passou a ser alvo de uma ampla e firme denúncia.

O homem que enfrentou corajosamente Kruschov e seu bando, sem lhes fazer concessões de nenhuma ordem no terreno dos princípios, faz em seu livro um exame profundo do revisionismo chinês e do seu principal ideólogo. Analisa não apenas os acontecimentos sobrevindos na China nestes últimos anos. Vai além, dando-nos um quadro complexo e multilateral das raizes, do surgimento, do desenvolvimento, da ação prática desta corrente oportunista chovinista. Com grande acuidade, revela os planos orientados a transformação daquele país, numa grande potência social-imperialista, bem como dos perigos que daí decorrem para todos os povos. Em seus propósitos burguês-revisionistas os chineses apoiam-se hoje no que há de mais retrógrado, desde os poderosos monopolios ianques, os imperialistas da Europa e do Japão até as forças reacionárias e fascistas do chamado "terceiro mundo". Estão de braços dados com o titismo e com outras variedades da mesma espécie. A pretensa teoria dos "tres mundos" que Hodja disseca em todos os seus aspectos é a expressão da traição, um embuste para submeter a luta dos povos aos interesses mesquinhos do nacionalismo e do expansionismo chinês.

Num capítulo inteiro do livro Enver põe em foco o chamado pensamento Mao Tsetung. A questão é tratada globalmente do ponto de vista do proletariado revolucionário. Sua visão abrangente vai ao fundo do problema revelando o quanto o maoismo afasta-se da verdade científica. Os que estudaram Mao Tsetung, sem espírito crítico e até hoje não se desfizeram das falsas idéias nele absorvidas, chocam-se com a franqueza da crítica do dirigente albanês. Mas esta crítica é irrespondível. Corresponde a uma análise de classes, marxista-leninista que a vida comprova a cada passo. Mao Tsetung apesar da intesa propaganda do seu nome, tido como grande teórico, não é e nem nunca foi um revolucionário proletário. Quando se analisa em profundidade a sua obra, tal como faz Enver, observa-se claramente que Mao jamais conseguiu assimilar os fundamentos básicos da doutrina

de Marx, Engels, Lênim e Stálin. Seu pensamento disse-o bem, o autor do livro, é uma variante do revisionismo. Aplicado à realidade da China acabou conduzindo ao chovinismo, ao fracasso da causa revolucionária e levado ao movimento comunista mundial estimulou o oportunismo e enveredou pelo caminho pantanoso da colaboração de classes, a mais nociva e perigosa.

Não se pode, sem cometer sérios equívocos, separar os atos dos atuais dirigentes chineses de toda uma concepção longamente elaborada e defendida pelo extinto presidente do Partido Comunista da China. É certo que Deng Chiaoping e outros da mesma laia criticam subreticiamente Mao Tse - tung, tal como Brejenev e seus iguais criticaram Kruschov.

Sabe-se também que os revisionistas soviéticos escreveram artigos contestando idéias de Mao Tsetung. Semelhantes críticas não demonstram por si mesma que há sempre razão ao criticado. Elas nada tem a haver com o marxismo-leninismo. Retratam a luta de camarilhas e grupos de tensões diversas, mas de igual natureza. Os kruschovistas e brejenevianos atacaram Mao Tsetung defendendo seus opositores chineses do tipo de Lio Chio Chi e outros, exaltando o VIII Congresso do PC da China, de 1956, onde se refletiam abertamente as teses oportunistas do XX Congresso do PC da União Soviética. Na realidade, colocaram-se ao lado dos revisionistas chineses pró-soviéticos, contra os revisionistas chineses anti-soviéticos. Nem Deng Chiaoping e seus comparsas, nem os social-imperialistas de Moscou criticaram Mao de um ponto de vista revolucionário.

As críticas que faz Enver Hodja, em seu livro,acerca do pensamento de Mao apoia-se firmemente nos postulados da grande doutrina do proletariado. Situa-se no campo aberto da defesa da revolução e do verdadeiro socialismo. É uma importante contribuição à luta que se trava no mundo pela salvaguarda da pureza do marxismo-leninismo, teoria insubstituível da classe operária e do seu combate contra o capitalismo e pela construção da nova sociedade.

Princípios proletários

Todo o livro de Enver Hodja, da primeira à última págima, está impregnado das idéias em defesa dos princípios proletários, que são os princípios do comunismo, da salvaguarda dos instrumentos para torná-lo realidade: o Partido do proletariado, a hegemonia do proletariado e a ditadura do proletariado.

Os inimigos, suas estratégicas e táticas, suas manobras fraudulentas, bem como as manifestações revisionistas, reformistas ou pseudo-liberais são examinados sob a ótica de classe, sem se deixar levar pela sutileza da burguesia ou pelo modismo da pequena burguesia, cada dia mais confusa e carente de perspectiva.

Enver, antes de tudo, é um homem de Partido. Convencido de que sem Partido não haverá revolução, nem socialismo; sem a luta pela hegemonia da classe operária o movimento revolucionário se estiola e resbala para o oportunismo; sem ditadura do proletariado é impossível construir o socialismo e assegurar a transição para a nova sociedade.

Em seu livro estas tres questões estão sempre presentes. Ora como fundamentos das opiniões que expõe, ora como ensinamentos leninistas da luta de classes. E são questões de enorme atualidade porque aqui reside,em boa parte, o problema chave da revolução e do socialismo.

É sabido que os revisionistas soviéticos, chineses, iuguslavos e outros, começaram e desenvolveram sua atuação contra-revolucionária atacando, deturpando, revisando estes princípios básicos. Kruschov fala no partido de todo povo, na coexistência e no caminho pacífico. Mao no partido de várias alas e duas linhas e na aliança duradoura com a burguesia.

Tito no partido que seria apenas um educador e nunca o dirigente político das massas. Belinguer no partido do compromisso histórico em cujas fileiras se entram ou de cujas fileiras se saem como e quando bem se quiser. E assim por diante.

Lênin o gigante revolucionário de nossa época, ao contrário desses pigmeus do reformismo e do oportunismo, desses apologistas do capitalismo, sempre sustentou que o Partido Comunista é o partido da classe operária. Partido que somente poderá cumprir sua missão se estiver organizado da maneira a mais centralizada, se em suas fileiras impera férrea disciplina assemelhada a disciplina militar e se seu núcleo dirigente for um órgão de elevada autoridade, com vastas atribuições e gozando da confiança de todos os membros do Partido. Ele sustentou igualmente, com toda a energia do seu pensamento criador, a hegemonia e a ditadura do proletariado.

Nesta, como em muitas outras de suas obras, Enver Hodja atem-se firmemente às teses leninistas e combate não só as deturpações revisionistas, como implicitamente certas manifestações de oportunismo que se expressam, em diferentes graus, em setores do Movimento Comunista. Ao invés de um Partido centralizado e disciplinado, tais setores, admitem o liberalismo na organização, nos métodos e estilo de trabalho. E sob o pretexto de democracia interna, mal compreendida, advogam, no fundo, a liberdade de fração, de luta sistemática à linha e as posições revolucionárias proletárias do Partido. Dessa forma, imbuidos de um democratismo burguês apodrecido, arrastam a organização para o caos, para as divisões, para o ceticismo e a falta de segurança no êxito de sua atuação. Preparam o terreno para o revisionismo.

O livro de Enver Hodja contribue também nestas questões para a formação e consolidação de autênticos partidos proletários revolucionários que lutem resolutamente pela hegemonia da classe operária, à base da aliança com os camponeses, e objetive a conquista do Poder - a ditadura do proletariado destinada a perdurar durante toda a fase de transição, para forjar as condições para o advento do comunismo.

"O imperialismo e a revolução" é uma obra de folego. Indispensável a todos os que lutam para um futuro feliz. É um verdadeiro programa do marxismo-leninismo na presente situação. Mensagem de otimismo e de confiança na causa socialista o livro de Enver Hodja ilumina o caminho da vitória. É um hino à revolução, um brado veemente de condenação aos traidores e oportunistas.

"Nós, os marxistas-leninistas, devemos combater e chamar os operários, onde quer que estejam, a por-se de pé contra seus inimigos seculares e a romper os grilhões, a fazer a revolução e a não se submeter aos monopólios capitalistas, rejeitando as prédicas dos revisionistas contemporaneos. É dever dos marxistas-leninistas e revolucionários autênticos conclamar os proletários e os povos a se levantar pelo mundo novo, pelo seu mundo, pelo mundo socialista". Este expressivo e magnífico trecho define bem o conteúdo do livro, um conteúdo revolucionário e combativo, proletário, à altura do grande marxista-leninista e destacado dirigente do Movimento Comunista que é o camarada Enver Hodja.

+++++++++++

(+) Neste artigo falta a introdução e a primeira parte: "A estratégia imperialista", mas por sua importância o divulgamos assim mesmo.

Este artigo é um comentário sobre o livro "O imperialismo e a revolução" de Enver Hodja.

A CALOROSA E EXPRESSIVA MENSAGEM DO CAMARADA ENVER HODJA, EM NOME DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA, À VII CONFERÊNCIA NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

À VII Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil

Queridos camaradas

A notícia da realização do exitoso encontro de seu Partido, a VII Conferência Nacional, é um acontecimento de muita importância na vida do glorioso Partido Comunista do Brasil.

Constitue uma alegria para voces mas também para os comunistas albaneses, entre nós e vocês, assim como todos os marxistas-leninistas do mundo somos combatentes do mesmo ideal e compartilhamos das vitórias e das dificuldades da luta comum pela liberdade, pela independência e pelo socialismo.

Nesta ocasião, queridos camaradas, desejamos a voces pleno êxtio no seu trabalho e expressar-lhes sincero cumprimentos fraternais em nome do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, dos comunistas, da classe operária e de todos os trabalhadores da Albânia Socialista. Enviamos a voces e por seu intermédio a todos os invencíveis militantes do Partido Comunista do Brasil, ao proletariado combativo e aos trabalhadores brasileiros nossas mais calorosas saudações revolucionárias.

Sua Conferência Nacional se realiza num momento decisivo para a luta revolucionária no Brasil, bem como para as lutas revolucionárias do proletariado e dos povos em todo o mundo. Encarniçadas batalhas antiimperialistas e anti-revisionistas se desenrolam em grandes nº de países do mundo, visando destroçar as cadeias da opressão e exploração capitalistas, sacudir o jugo da escravidão nacional e social. Os povos de todos continentes despertaram e por sua justa luta estão assestando novos e poderosos golpes no imperialismo, capitaneado pelos norte-americanos, no social-imperialismo soviético e em todo odioso mundo capitalista-revisionista mergulhado numa grave crise e debatendo-se desesperadamente para escapar a seu fim: a Morte segura que os espera.

Neste período de grandes choques e confrontações quando a revolução está colocada na ordem do dia, como uma tarefa que exige solução o Partido Comunista do Brasil, dirigido com decisão pelo camarada João Amazonas, destacado e resoluto marxista-leninista, deu e continua dando com sua luta uma grande contribuição como vanguarda e espada afiada do proletáriado brasileiro contra a tirânica ditadura fascista, contra a oligarquia e a burguesia reacionária no poder, contra os complôs das superpotências contra a penetração colonial do imperialismo norte-americano e as ingerências do social-imperialismo soviético. Por sua luta de princípios contra o imperialismo, contra os desenfreados ataques dos revisionistas contemporaneos, os oportunistas de todo tipo, que não deixam pedra sobre pedra quando se trata de minar a ação revolucionária organizada e apagar o incendio da revolução nos movimentos de libertação nacional em cada país, o Partido Comunista do Brasil granjeou a confiança e a simpatia dos revolucionários do mundo e ocupa um lugar merecido no seio do Movimento Marxista-leninista.

O Movimento Comunista e operário do Brasil percorreu um caminho cheio de sacrifícios, de heroismo e singular valentia. Sua história tem sido escrita com sangue límpido dos camaradas tombados na luta pela emancipação nacional e o progresso social, pelo triunfo da causa do comunismo.

Seu glorioso Partido é um Partido inflexível diante de toda tempestade , um Partido que enfrentou audazmente todas as borrascas, manteve e mantem no alto, sem desfalecimento, a bandeira vermelha do marxismo-leninismo , triunfante e intransigente contra os diversos revisionistas, oportunistas e diversionistas, inimigos jurados do povo brasileiro, do socialismo e da revolução no mundo. Ao condenar, com resolução, o revisionismo chinês,e a teoria contra-revolucionária dos tres mundos, demonstrou mais uma vez o combativo espírito e a consequencia marxista-leninista da linha política geral.

Entre nossos dois partidos existem uma verdadeira unidade de pensamento e ação. Uma antiga amizade combativa que emana do fato de que os nossos dois partidos se mantem firmemente nas posições do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Os raivosos inimigos da revolução e do marxismo-leninismo, todos os seus lacaios e pregoeiros, que bailam ao som dos acordes imperialistas e oportunistas, que inventam e fabricam toda sorte de teorias pragmáticas e contra-revolucionárias, odeiam nossa solidariedade, nossa luta e a verdade que defendemos. Mas nossa luta, unida a de todos os Partidos marxistas-leninistas irmãos rompem suas máscaras e revelam diante de todo o mundo sua verdadeira catadura de renegados. Para todos nós, os marxistas-leninistas, uma coisa está clara , como a luz do dia, quaisquer que seja os inimigos que surjam a roda da história seguirá adiante, o furor da revolução enterrará e varrerá da face da terra toda a escória. A certeza dos autênticos comunistas de todo o mundo é inabalável. O porvir pertence aos povos, pertence à juventude do mundo, ao comunismo.

O Partido Comunista do Brasil tem no Partido do Trabalho da Albânia um fiel companheiro de armas e um ardente defensor. Nosso Partido tem no irmão Partido Comunista do Brasil um sincero companheiro de armas, combatente do mesmo ideal. Estivemos e continuaremos ao lado de voces, nos bons e nos difíceis dias. Seu apoio à carta do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, e do governo da República Popular Socialista da Albânia, datada de 29 de julho de 1978, dirigida ao Partido Comunista da China e ao governo chinês, bem como a denúncia que voces fizeram daquele ato fraudulento e arbitrário, são outra expressão de solidariedade ao nosso Partido e ao nosso povo. Expressão do internacionalismo proletário em que estão cimentados os laços e a colaboração entre os nossos dois Partidos.

Nossa sincera convicção é a de que a sua VII Conferência Nacional marcará a conquista de um novo estágio na luta do Partido Comunista do Brasil, imprimirá um novo impulso a luta do proletariado e dos trabalhadores brasileiros contra a opressão e a exploração capitalista, contra o terror fascista no país, bem como contra o imperialismo, o social-imperialismo e todos os inimigos da revolução e do socialismo.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva a amizade combativa entre o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista do Brasil!

Glória ao marxismo-leninismo triunfante!

Proletários de todos os países - uní-vos!

Em nome do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Enver Hodja - 1º Secretário do Comitê Central.